



# Contabilista

Jornal técnico dos alunos do I. P. P. E.



## PRIMEIRO NÚMERO

Foi o grande matemático e estadista francês Henri Poincaré quem escreveu que «um problema bem posto é um problema meio resolvido». Eis, na sua simplicidade, a quanto aspira o primeiro número do nosso jornal: o de definir bem ao que nos propomos e, simultaneamente, tentar averiguar, com factos, a sua viabilidade.

O jornal não constitui o nosso único e, até, dominante objectivo. Ele pretende ser, apenas, o seu órgão de expressão.

Está no nosso Plano, primeiro, a criação de uma pequena biblioteca especializada onde, através de livros, revistas e jornais possamos documentar-nos e completar as lições dos nossos Mestres. Em segundo lugar, desejamos ensaiar, oportunamente, a realização de colóquios sobre assuntos da especialidade para, sob a orientação e supervisão dos nossos Professores, trocarmos impressões e debatermos problemas colaborando, assim, de uma forma mais activa na aprendizagem escolar.

Finalmente, e só em terceiro e último lugar, surge o jornal, o órgão de expressão da nossa actividade, do qual, se tudo correr como desejamos, não prevemos mais do que três números anuais que sairão depois das férias do Natal, das férias da Páscoa e das férias Grandes.

Pela primeira vez — e temos esperança em que brevemente poderemos dizer: pela última — o jornal não tem, atrás de si, como fonte de documentação dos nossos trabalhos, mais do que a informação obtida das lições dos nossos Professores.

Não desejamos concluir esta breve nota de apresentação de *O Contabilista* — *Jornal técnico dos alunos do I. P. P. E.*, sem uma respeitosa saudação a todos os nossos Mestres.

Ao nosso Ex.<sup>mo</sup> Director, Coronel Pacheco de Sousa, queremos prestar uma tão simples quão sincera homenagem de gratidão: que Sua Ex.<sup>a</sup> permita que tomemos como lema do trabalho, que neste número do jornal tem o seu início, as palavras com que nos respondeu à timida, embora firme, sugestão que lhe foi apresentada da extensão da nossa actividade escolar nos moldes que, sucintamente, acabamos de relatar: **Mãos à Obra!**

*Eduquer, c'est favoriser l'écllosion des valeurs personnelles. L'éducateur ne doit pas influencer, mais respecter les valeurs personnelles de l'enfant.*

Do livro, «Aspects et Technique de la peinture d'enfants»

## Algumas Palavras

Colocaram sob a minha vista, a primeira página desta publicação e no terço central estava escrito: «Espaço reservado ao Ex.<sup>mo</sup> Director». Antes que me ocorresse comentários de maior, manobrava uma caneta e começava... a preencher o espaço. Não tenho porém, a intenção de prefaciá-la obra. Tentativas deste género, quando não se resumem a analisar ou destacar a personalidade do autor ou autores e antes pretendem descrever, explicar ou justificar o conteúdo escrito, transformam-se quase sempre numa crítica, numa má crítica aliás, porque dirige-a um pensamento favorável ou elogioso.

\* \* \*

Aqui há umas semanas, o Prof. Dr. Luizélio Saraiva referiu-se com louvor, a algumas provas de alunos seus e alvitrou o provável interesse com que o meio da especialidade acolheria a divulgação dos nossos trabalhos escolares.

Assim nasceu esta publicação, cognominada de harmonia com o sector vizado do ensino, o Comércio e a Contabilidade.

Julgo que a prazo relativamente curto, poderão ser postos em foco, os ramos da Indústria e da Cultura Física e Instrução Militar.

Não será portanto, de estranhar que ao *Contabilista* se sigam *O Industrial* e *O Desportista*.

Quando envolvermos estes relatos escritos e periódicos, de carácter intelectual e físico, num pequeno breviário da actividade e formação moral dos alunos, creio que poderemos proceder à encadernação da pequena publicação, apondo-lhe na capa a designação

«O I. P. P. E.».

Publicações deste género têm vantagens e podem também criar alguns inconvenientes. Julgo que as primeiras dominam os segundos e todos concordarão que assim é, pelo menos num caso; mostrarmos tão claramente quanto possível, o que somos, com a verdade das nossas exigências, das nossas intenções e trabalhos, a sinceridade das nossas preocupações e acima de tudo, com a grande, a fundamental e preocupante verdade dos nossos alunos. Por eles, para eles e com eles, será feita esta revista.

E' desnecessário dizer mais. A publicação falará por mim.

Resta-me apenas, exprimir ao Prof.

## Salário Real e Política Monetária

Para darmos uma definição nítida e concreta de salário real é, primeiro que tudo, necessário falarmos no salário nominal, pois aquele define-se em função deste.

— Assim:

Entende-se por salário nominal, o número de unidades monetárias recebidas por qualquer trabalhador num determinado período de tempo, e por salário real o salário nominal medido em função do custo da vida.

Destas duas definições depreende-se que o salário real exprime melhor as condições de vida de qualquer sujeito económico, pois não se refere, exclusivamente, às unidades monetárias, mas sim ao poder de compra dessas unidades, dependendo esse poder de compra do custo da vida.

Compete ao Estado, qualquer que seja a sua ideologia, pelo menos, vigiar e controlar a estreita relação que deve existir entre o salário real e o nível dos preços.

Assim vejamos:

Diz-se que há inflação, quando o volume da moeda aumenta, sem que contudo o volume dos bens tenha crescido na mesma proporção; e deflação, sempre que aumenta o volume dos bens, sem que a moeda tenha também crescido na mesma proporção.

Como se deduz das definições dadas, a inflação leva não só os preços a aumentarem e, conseqüentemente, à armazenagem de bens feita pelos produtores, no intuito de os venderem a preços mais altos, como também à troca da moeda poupada por bens físicos; e a deflação leva os produtores a reduzirem proporcionalmente a produção, dando portanto lugar, a uma diminuição do P. N. B. (produto nacional bruto), posto que a baixa do nível de vida seja evidente.

Ambas as circunstâncias provocam

(Conclui na pág. 5)

Dr. Luizélio Saraiva e a todos os Ex.<sup>mos</sup> Professores, Oficiais, Antigos e Actuais Alunos colaboradores, a honra que sinto por dirigir um estabelecimento de ensino onde a compreensão mútua e acção colectiva, tomaram feição de tão alto expoente e destacada classe.

O DIRECTOR,

Manuel Quirino Pacheco de Sousa

Coronel de Engenharia